REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 474

21 DE FEVEREIRO DE 1892

Redacção — Atelier de Gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Um bem escripto e bem pensado artigo de Jayme Victor publicado no *Correio da Manhã*, sob o pseudonymo de Gilliat accordou no espirito de todos os homens de lettras e jornalistas uma idéa que de ha muito lá dormia á sombra d'essa indolencia que é tão peninsular, d'esse «ha de fazer-se» que faz com que tantas cousas, necessarias, e facilimas de fazer se não façam nunca, a idéa de trazer para Portugal os queridos restos mortaes de dois notabilissimos portuguezes que de ha muito dormem em terra estranha o grande somno — Teixeira de Vasconcellos e Guilherme de Azevedo.

E essa idéa estava tanto no espirito de todos, que apenas ella appareceu nitidamente formulada no magnifico artigo de Jayme Victor, toda a imprensa correu a associar-se a ella, a perfilhal-a, a estudar os meios praticos de realisar rapidamente essa boa obra nacional, de trazer para a Patria os cadaveres d'esses dois filhos illustres que dormem longe d'ella.

A redacção do OCCIDENTE que teve a honra de ter á sua frente Guilherme d'Azevedo, desde a fundação do jornal até ao dia em que o illustre humorista deixou Lisboa para se ir estabelecer em Paris, onde tão pouco tempo a morte o deixou viver, não podia deixar de ser a primeira a associar-se a essa homenagem piedosa prestada á memoria querida do seu chorado collega, e a pessoa que escreve estas linhas associa-se do fundo do coração a essa homenagem, não só como collega e successor de Guilherme d'Azevedo, n'este jornal mas tambem como amigo intimo d'elle e seu collega na redacção do antigo *Diario da Manhã*, como amigo pessoal de Teixeira de Vasconcellos e seu companheiro na fundação do *Jornal da Noite*, esse jornal que, mercê do excepcional jornalista que o fundou, tão grande e brilhante successo teve em Lisboa onde inaugurou a phase moderna do nosso jornalismo.

O Destino levou, a larga distancia, esses dois jornalistas portuguezes para Paris e fez com que elles, que nunca se encontraram em vida na sua terra, se fossem encontrar na morte em terra alheia, e o Destino que tantas vezes é cego parece que d'esta vez viu bem e quiz matar em Paris os dois jornalistas que, conservando-se sempre portuguezes na sua linguagem e no seu espirito, tinham introduzido no jornalismo portuguez a ligeiresa, a elegancia, a fórma scintillante do jornalismo parisiense, Teixeira de Vasconcellos nos deliciosos artigos de fundo, que tão grande revolução operaram na forma do nosso jornalismo politico, Guilherme d'Azevedo que com os seus *cri-cris* do *Diario da Manhã*, veio dar uma nova feição alegre e critica ao mesmo tempo, á velha chronica indigena, feição que depois tem sido muito imitada, mas que nunca foi igualada porque ainda não appareceu quem tivesse o seu humorismo original, cheio de ironia acerada e ao mesmo tempo de jovialidade bon-enfant que fazia rir aquelles mesmos a quem teria.

Um e outro, Teixeira de Vasconcellos e Guilherme de Azevedo, foram dois revolucionarios do jornalismo portuguez; a morte reuniu-os no cemiterio de Paris, a saudade dos seus collegas e a gratidão dos seus patricios vae agora trazer-lhes os ossos para a Patria que os viu nascer e que elles tanto honraram com o seu brilhante talento.

É uma santa obras de gratidão, de justiça e de patriotismo a que todos os portugrezes se associarão de boa vontade, a que nós nos associamos devotadamente, cheios de enthusiasmo pela memoria gloriosa dos dois grandes escriptores e ao mesmo tempo cheio de saudades pelos dois queridos collegas, pelos dois chorados amigos.

A imprensa de Lisboa, sem distincção de côres politicas accudiu immediatamente á chamada feita pelo artigo do *Correio da Manhã* e organisou uma grande commissão, que ficou encarregada de promover festas, espectaculos e subscripções para angariar os meios de fazer a trasladação de Paris para Lisboa dos cadaveres de Teixeira

D. ANTONIO DA COSTA DE SOUZA DE MACEDO — FALLECIDO EM 17 DE JANEIRO DE 1892

(Segundo uma photographia)

de Vasconcellos e Guilherme d'Azevedo. Essa commissão, ao contrario felizmente da maior parte das commissões, tem trabalhado activamente e não descançará sem ter conseguido o resultado que se propõe.

Temos a certesa que o conseguirá e de que em breve repousarão em terra portugueza os restos mortaes d'esses dois illustres portuguezes.

Que assim seja.

*
* *

Na nossa ultima chronica, toda consagrada a mortos não tivemos espaço para fallar de mais uma defunta — a epoca lyrica de 1891-1892.

A morte d'essa infeliz epoca estava prevista e na nossa penultima chronica tinhamo-nos referido aos boatos lugubres que a seu respeito corriam.

Esses boatos realisaram-se, e tendo o governo entendido e muito bem entendido na nossa opinião, que se devia recusar a desfalcar o nosso magro thesouro para sustentar a epoca lyrica, a empresa de S. Carlos fallio e o theatro fechou no dia 14 do corrente, depois de ter dado quatro recitas extraordinarias, por conta dos artistas em beneficio dos coristas e orchestra.

A morte prematura da epoca lyrica e a dôença que durante mezes nos impossibilitou de ir ao theatro, não nos permittiram travar intimo conhecimento com os artistas que este anno compunham a companhia, mas do ligeiro conhecimento que tivemos d'elle não nos ficaram umas saudades por ahi além.

A prima-dona dramatica, a s.ª Gabbi que era a primeira figura da companhia e de quem se diziam maravilhas, não nos maravilhou absolutamente nada na unica opera em que a vimos — a *Cavalleria rusticana*.

A sua voz pareceu-nos desigual, e não ser d'uma extrema afinação e emquanto a talento dramatico, nós que vimos a Theodorini fazer o mesmo personagem na *Mala Pasqua*, cujo libreto é o mesmo da *Cavallaria*, pudemos logo ali comprehender bem a differença enorme que havia entre o talento assombroso de Theodorini e o jogo scenico todo convencional da sr.ª Gabbi.

A sr.ª Bronat, a dama lyrica que no papel de Michaela, da *Carmen* nos tinha agradado, desagradou-nos completamente na Filina da Mignon.

A sr.ª Reneè Vidal, que vimos apenas na *Favorita*, não nos deixou pena de a não termos visto n'outras operas.

E emquanto a homens : o tenor Bayo era inegavelmente muito inferior ao tenor Moretti que occupava aquelle logar na epoca anterior : o barytono Stiueo Palermim deixou-nos muito a desejar na *Carmen*, o baixo Tansini, qne nos dizem ter sido um Marcello excellente nos *Huguenottes* não nos agradou nada na *Mignon*.

De toda a companhia apenas tres artistas nos enthusiasmaram, a Adelia Borghi, pelo notavel talento com que compoz o personagem de Carmen e de Mignon, o tenor Gabrialesco cuja bellissima voz de dia para dia ganha em pujança e cujo canto dia para dia ganha em arte, e o barytono Battistini que resgata as dificiencias que por vezes, ha no seu jogo scenico pela bellesa extraordinaria do seu orgão vocal.

E aqui tem rapidamente a nossa opinião sincera sobre as qualidades boas e más da fallecida epoca lyrica, que viveu sem dar muito que fallar de si e morreu sem deixar muitas saudades.

*
* *

Nos theatros portuguezes houve um acontecimento notavel — a primeira representação no Gymnasio d'um original do nosso presado amigo Carlos de Moura Cabral, um original engraçadissimo, onde ha espirito ás mãos cheias e que fez um verdadeiro successo.

Ha annos Moura Cabral deu no Gymnasio em beneficio do illustre actor Valle uma comedia original em 3 actos, intitulada *Bibi*.

Essa peça tinha alcançado um ruidoso successo nos dois primeiros actos. No fim d'esses actos o auctor fôra chamado repetidas vezes á scena e victoriosamente applaudido. O terceiro acto porem foi acolhido com uma pateada estrondosa que matou logo a peça.

Não vimos a peça, mas todos nos disseram que os dois primeiros actos eram magnificos, e que o terceiro era muito mediocre, como acontece a muitas comedias francezas, mesmo á maioria d'ellas, d'aquellas que tem successo, porque, perante o publico parisiense, uma comedia que tenha dois actos excellentes tem ganha a sua causa, e está ao abrigo d'uma queda.

Entre nós porem não acontece isso.

Do mesmo modo que embora um acto seja magnifico se o seu final não fôr de effeito o nosso publico deixa cahir o panno sem uma palma, se uma peça fôr excellente, mas o ultimo acto fôr inferior, a peça está irrmediavelmente perdida.

Foi o que aconteceu ao *Bibi* e que naturalmente e justamente maguou o seu auctor.

D'então para cá Moura Cabral não tornou a escrever para o theatro.

Pensava ás vezes em fazer uma peça mas o exito mixto do *Bibi* vinha-lhe logo á lembrança e e não o deixava escrever.

Um dia decidiu-se a pegar na peça velha, a remecher-lhe, a reformal-a, a fazer-lhe um terceiro acto novo que não matasse o *successo* dos dois primeiros.

E meteu hombros ao trabalho e na noite de 19, em beneficio de Leopoldo de Carvalho, o distincto ensaiador do Gymnasio apresentou n'esse mesmo theatro onde o *Bibi* tinha cahido o *Bibi* remodelado sob o titulo de *O Homem Terrivel*.

E a desforra foi completa.

No mesmo theatro em que se dera a queda, deu-se agora o triumpho, triumpho completo, ruidoso, incontestado.

O Homem Terrivel é uma succesão de scenas engraçadissimas em que o bem dito esfusia desde que o panno levanta até que desce, em que as situações d'um comico helariente se amontoam com uma prodigalidade extraordinaria.

E o novo terceiro acto segue o caminho do 1.º e 2.º, faz rir ás bandeiras despregadas, conserva o espectador na mesma tensão de hilariedade e d'ahi o grande successo da peça, que valeu uma enorme ovação a Moura Cabral e aos seus intrepetres, entre os quaes se destacam no primeiro plano Valle, extraordinario de veia comica, Joaquim Costa e Jesuina.

Felicitamos sinceramente Moura Cabral pelo seu grande exito.

Gervasio Lobato

AS NOSSAS GRAVURAS

D. ANTONIO DA COSTA

D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo, o illustre escriptor o indefeso propagador da instrucção popular cujo retrato hoje publicamos era sexto filho de D. Luiz da Costa de Sousa de Macedo e Albuquerque, que foi 1.º conde e 3.º visconde e senhor de Mesquitella, 5.º barão de Mulingar no condado de Ouert Meatt, na Irlanda, par de Inglaterra, par do reino e 11.º Armeiro e armador-mór da côrte.

Nasceu em Lisboa aos 24 de novembro de 1824 e fez os seus estudos d'instrucção secundaria no collegio do dr. Cicouro, ao tempo o mais conceituado collegio de Lisboa.

D'ahi D. Antonio passou a Coimbra a fazer os exames preparatorios para a Universidade onde se matriculou em outubro de 1842, aos 18 annos de idade na faculdade de direito.

Estudante distincto do collegio de Cicouro, D. Antonio da Costa foi estudante distinctissimo na Universidade e tambem distincto militar quando em 1846 a guerra civil fez transformar os academicos em guerreiros e guerreiros que deram que fallar de si pela sua bravura e heroicidade.

Feita a convenção de Gramido e reaberta a Universidade em agosto de 1844, D. Antonio da Costa voltou a continuar os seus estudos formando-se em direito no anno seguinte.

Tres annos depois, em 1851, D. Antonio da Costa encetava a sua carreira administrativa sendo nomeado secretario geral do districto de Leiria e foi ahi que elle começou a sua grandiosa obra da instrucção popular, fundando o *Centro promotor de instrucção popular*, que tantos serviços podia prestar, que com tão grande enthusiasmo se inaugurou e que para vergonha do paiz enfraqueceu e morreu mezes depois do seu illustre fundador e presidente, D. Antonio da Costa sahir de Leiria.

Além d'esse centro promotor, D. Antonio da Costa assignalou a sua passagem pelo governo civil d'aquelle districto, fundando o jornal o *Leiriense* cujo 1.º numero sahiu no dia 1 de junho de 1854.

Em 1856 foi D. Antonio da Costa exonerado a seu pedido do logar de secretario geral do districto de Leiria, tendo deixado da sua administração um trabalho notabilissimo, offerecido a el-rei D. Pedro V, a *Estatistica administrativa de Leiria* que é uma obra prima no seu genero.

O districto de Leiria não se esqueceu dos serviços e da gratidão que devia áquelle que tanto trabalhára pelo seu engrandecimento e n'esse mesmo anno elegeu-o deputado ás côrtes, onde D. Antonio tomou assento no chamado grupo independente.

Em 1852 D. Antonio da Costa foi chamado para acompanhar a rainha D. Maria II na sua visita ao norte, na qualidade de secretario administrativo do presidente do conselho de ministros, que então era o marechal duque de Saldanha.

Creada em 1859 no ministerio do reino a Direcção geral de Instrucção Publica D. Antonio da Costa foi um dos candidatos ao concurso para 1.º official da nova direcção e despachado para esse logar por decreto de 12 de janeiro de 1860.

N'esse mesmo anno foi nomeado commisario regio do theatro de D. Maria, logar que exerceu por um anno.

Em 1870 quando o marechal Saldanha formou o ministerio de 19 de maio, conhecido pelo nome do ministerio dos cem dias, D. Antonio da Costa foi chamado a gerir a pasta da marinha e decretada em 22 de junho d'esse anno a creação do ministerio da Instrucção publica, foi D. Antonio feito titular d'essa pasta, com applauso de todo o paiz, que reconhecia a especial e excepcional competencia de D. Antonio da Costa para e gerencia da nova pasta.

E de facto, D. Antonio da Costa no espaço de 69 dias que tantos foram os que durou o novo ministerio fez profundas reformas, prestou relevantes serviços á instrucção puplica promulgando o decreto da liberdade do ensino superior, da reforma da instrucção primaria, das bibliothecas populares, das escolas normaes, da reorganisação do theatro nacional, etc.

Em 29 de dezembro de 1881 foi D. Antonio da Costa encarregado por el-rei D. Luiz de estudar e collegir elementos para a reforma da imprensa da Universidade.

Em 1886, D. Antonio da Costa muito adoentado já, viu-se obrigado pelo deteriorado estado da sua saude a pedir a aposentação do cargo de chefe da repartição de instrucção superior que occupava no ministerio do reino.

E extenso o catalogo das obras de D. Antonio da Costa e d'ella já deu noticia a nossa *chronica* quando ha semanas se referiu á morte do illustre homem de lettras.

A critica d'esses livros, o estudo importantissimo das obras de D. Antonio da Costa como apostolo da instrucção é um trabalho vasto e de grande alcance, que só pode ser feito por quem conheça muito de perto o assumpto.

Felizmente temos o prazer de poder annunciar aos nossos leitores que em breve o *Occidente* publicará esse trabalho feito por um escriptor dos mais illustres da nossa terra, cuja altissima capacidade em materia de instrucção publica está de ha muito provada e é glorificada por todo o paiz—o doutor Bernardino Machado.

E com esta promessa que temos do illustre cathedratico, terminamos estes rapidos apontamentos biographicos de D. Antonio da Costa, escriptos a correr para acompanhar o retrato do querido e chorado homem de lettras que o *Occidente* hoje publica.

PONTE DE LIMA

E' uma das mais formosas villas da provincia do Minho, se n'esta pittoresca provincia pódem haver preferencias sobre qual será a mais bella povoação, das muitas de que se compõe.

Assente sobre a margem do rio Lima, dista 80 kilometros ao Norte do Porto e 375 tambem ao Norte de Lisboa, tendo por visinhas Ponte da Barca e Arcos de Valle de Vez a Oeste, e Vianna do Castello a Leste da qual dista 20 kilometros.

Tem actualmente uns 500 fogos, no seculo passado, porém, tinha 700. Assim tem acontecido a muitas povoações do nosso paiz que, devido a causas diversas, mas em que a emigração tem a melhor parte, vão decahindo em vez de prosperarem.

Cabeça de concelho e da comarca do seu nome, compõe-se aquelle de 51, freguezias, sobre a jurisdição ecclesiastica do arcebispado de Braga e governo administrativo de Vianna.

E' das mais antigas povoações da peninsula, devergindo muito as opiniões sobre a sua origem, sendo fóra de duvida que já era habitada no tempo dos romanos e que fôra então povoação importante, porque d'isso existem muitos vestigios em suas muralhas, e na ponte que atravessa o Lima,

de que lhe vem o nome, ponte que tem sido reedificada em varias epocas, sendo a ultima em tempo de El-rei D. Manoel.

Esta ponte é magestosa, composta de 24 arcos, sendo 16 de architectura gothica, reconstruida por D. Pedro I em 1362.

Tinha esta ponte nas suas entradas duas altas torres quadrangulares, que eram ainda de construcção romana, principalmente a do norte conhecida pelo nome de *torre velha*; as quaes embelezavam muito a ponte e davam-lhe todo o aspecto da edade media. A camara, porém, mandou-as demolir ha annos, no que nos parece não ter dado provas de bom gosto, nem de respeito pela historia.

Tem a Ponte de Lima muitas ruas, ainda que pouco bem alinhadas, como villa antiga que é, e alguns edificios bons, sendo dos mais notaveis a egreja matriz, de tres naves e de bella architectura construcção do seculo XVIII.

Ponte de Lima reune á fertelidade extraordinaria dos seus campos, todas as bellezas que a natureza offerece onde ella é mais prodiga, e não bastando a abundante producção da terra, deu-lhe ainda a abundancia de peixe que se cria e vem ao rio, devendo especialisar-se as suas famosas lampreias e salmões.

E' terra que tem sido berço de muitos varões illustres, e que tem desempenhado papel importante nas luctas pela nossa independencia.

ABBAS PACHA, NOVO KHEDIVA DO EGYPTO

Abbas Pacha, o novo Khediva do Egypto de que publicamos o retrato a pag. 48, é o filho primogenito do fallecido Khediva Thewfik I de que tratámos em o numero antecedente.

Nasceu em 14 de julho de 1874, pelo que tem apenas 18 annos de idade.

Estava estudando no collegio Teresiano, em Vienna d'Austria, donde acaba de sahir para tomar o logar que seu pae deixou vago.

Logo que recebeu a noticia da morte de seu pae, partiu para o Cairo, onde chegou no dia 16 de janeiro, e logo em seguida, o presidente do conselho de ministros, Mustapha Fehmi, reuniu os principes egypcios, ministros e corpo diplomatico, no salão de honra do palacio do governo, a apresentou o joven Khediva, e leu na presença de todos o *ferman* de investidura, enviado pelo Gran-Vizir do sultão da Turquia, reconhecende a Abbas Pacha como Khediva do Egypto.

A isto se reduz por emquanto a biographia do novo Khediva, que vae entrar, talvez, n'uma lucta pouco invejavel.

Dissemos em o numero passado referindo-nos ao fallecido Khediva, que os inglezes contavam dominar o joven principe, como dominaram seu pae, mas os ultimos telegrammas já dão noticias pouco favoraveis aos desejos inglezes, dizendo que Abbas Pacha, se mostra pouco disposto a sopurtar a totela ingleza.

Não admira. E' moço e portanto cheio de aspirações que não se soffream facilmente em presença de um jugo estrangeiro.

Pobre Egypto!

PORTUGAL EM AFRICA

E A MORTE DO OFFICIAL BARBA DE MENEZES

Desde o seculo XV sob os auspicios do immortal infante D. Henrique, a aguia sagaz e vigilante do Cabo Sagrado, começou para Portugal a penosa odyssea, feita de dores infinitas e de heroismos immensos. Desde Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira até Manuel Barba de Menezes nunca a bandeira portugueza deixou de servir a civilisação nas regiões africanas, levando tantas vezes nas suas prégas, em generoso holocausto, o sangue e a vida dos seus servidores mais queridos Quantas vidas preciosas os sertões tem devorado, quantas existencias esperançosas o Atlantico e o Indico tem sumido na voragem das suas ondas, uns missionarios do bem que levam o clarão do Evangelho, outros soldados da patria que conduzem a espada da justiça esclarecida. Portugal conta nos seus annaes tantos martyres como heroes n'essas terras adustas de gente negra.

Barba de Menezes intelligente e corajoso sabia qual era o seu dever, mas não basta conhecer o dever, é mister amal-o e não basta ainda amal-o, é necessario pratical-o Aquecido pela energia herdada a esse grande sentimento, soube amal-o, pratical-o e nobremente morrer por elle.

O homem de bem leva a coragem por toda a parte comsigo; no combate contra o inimigo, nos salões em favor dos ausentes, no seu leito contra os ataques da dôr e da morte, mesmo quando ella o surprehenda nas florestas equatoriaes, ou nos desertos sob os raios ardentemente infernaes d'aquelle sol implacavel, cercado de gente negra, em tom feroz de ameaça, ouvindo já moribundo ao longe um clamor de guerra onde se soltam gritos selvagens, arrogantes, provocadores para o branco vencido e brandindo com raiva feroz os machados ainda tintos de sangue.

Emquanto os mansos especuladores ficam adormecidos no seu egoismo e festejados na metropole, os heroicos filhos d'este torrão partem a lavar galhardamente com o seu sangue a nodoa lançada nas quinas portuguezas por nacionaes e estrangeiros.

Os egoistas de cá tem as festas aurifulgentes da vaidade, os ruidos da adulação, e as almas intemeratas de lá tem como hymno funebre o cantar plangente dos negros affeiçoados, compassado com o *batuque*.

O primeiro acto que praticou este valenteman cebo, depois de pôr o pé em terras africanas foi o aprisionamento da tripulação de um navio inglez o *James Stephnes* que prentendia entrar pela violencia em aguas portuguezas. Barba de Menezes com uma firme e superior energia tomou posse do navio britanico conduzindo a seu bordo o contrabando de guerra, sellando as mercadorias e levando prisioneiro o commandante inglez á presença do governador. Pela sua coragem e pelo seu valor civico e militar e pelas medidas sensatas que tomou como commandante do vapor *Cherim* na repressão prudente e justo castigo da rebelião dos negros das ilhas abaixo do *Lupata* na margem direita do Zambese, foi louvado pelo governador geral de Moçambique em officio dirigido ao commandante da divisão naval da Africa Oriental, louvor que veio publicado na ordem da armada de 5 de setembro de 1891. Na occasião em que o snr. Antonio Ennes partiu para a delimitação dos nossos terrenos em Africa com os dominios da Inglaterra de harmonia com o ultimo tratado, Barba de Menezes foi pela sua intelligencia distincta, um dos officiaes escolhidos para trabalhar na execução d'essas negociações diplomaticas.

Como esse bravo official morreu sabe-se por uma carta vinda d'Africa escripta por uma testemunha quasi occular d'estes funestos successos.

Diz ella:

«Da expedição Coutinho sabe-se o seguinte, que me é contado pelo commandante militar d'um logar limitrophe, e que chegou aqui ha pouco.

Atacava-se uma aringa. O Barba de Menezes commandava uma das pequenas canhoneiras do Zambeze, e foi assistir ao combate que se dava a duas leguas da margem. Proximo do logar, em que estava a metralhadora havia uma grande porção de polvora; uma buxa da metralhadora, levada pelo vento, foi cahir sobre a polvora, causando uma explosão horivel. O Barba de Menezes chegado n'essa occasião cahiu gravemente ferido, e com o peito e ventre queimados veio em maxilla para o navio, onde morreu 3 ou 4 dias depois. Tomou uma chavena de leite e adormeceu para sempre. O Carlos Paiva Raposo foi queimado nas pernas. Arrancaram-se-lhe os bocados das botas com a pelle das pernas e pés. Quando chegavam á margem do rio estava morto. Completamente assado da cinta para baixo. O Coutinho tambem ficou queimado,mas está melhor.

Está no Guengue e quer voltar ao ataque logo que esteja curado. Os da aringa, que ia ser tomada, vendo o desastre fizeram sortida e a machado trucidaram, quem poderam agarrar. Houve uma debandada geral, e os nossos brancos não foram esquartejados, porque as peças rewolveres das canhoneiras lhe defenderam a retirada. Os cypaes lançaram-se ao Zambeze desordenadamente. Para fugir ao machado iam atirar-se á voracidade dos jacarés. As aguas do Zambeze corriam vermelhas do sangue dos infelizes.

De 100 chegaram á outra margem ou a ilhas d'areia 25 e menos. Um desastre aterrador por imprevidencia e desleixo dos que não cuidaram, nem preveniram, que o vento poderia levar o incendio ao paiol.

No Guengue o dr. Braz de Sá tem 170 feridos em tratamento, quasi todos de bala; os mortos são em numero desconhecido. Elles dizem 60; mas crê se que ha falta de zero. O Coutinho não sabe ainda da morte dos dois companheiros, porque os da canhoneira tinham desapparecido com o morto e o ferido, para outro ponto. Um desastre horroroso que vae incommodar muita gente.»

O campo de batalha tanto para os atletas antigos como para os soldados modernos, tanto para os que se batem na Europa, como para os que se batem na Africa, é sempre uma ceara de mortos cujas papoulas rubras se chamam a gloria.

O sr. Manuel Vaz Preto Geraldes foi quem teve a pungetiva e dolorosa honra de perder este filho que se chamou Manuel Barba de Menezes, ora os que morrem assim pela patria deixam na alma dos que ficam uma saudade tão gloriosa como consoladora. Nunca faltam consolações ao pae que perdeu um filho que acaba de morrer nobremente debaixo da chamma bellicosa no serviço da bandeira da sua nacionalidade.

O manto da vida é sempre um vestido de honra para os fortes e para os honestos, é uma veste de ignominia para os covardes e para os viciosos Os fortes rasgam esse manto para gloria da patria, os covardes arrastam-n'o pela lama. Felizmente, no augusto templo da justiça, não é senão pelo caminho da honra que se chega ao altar mór da verdadeira gloria.

A familia Vaz Preto tem por timbre a coragem e a honra; são qualidades recebidas no systema nervoso dos antepassados e transmittidas successivamente pela hereditariedade psychologica, que os descendentes depois as fortalecem e avigoram pela educação: *A fonte puro pura defluit aqua.*

Não nos atrevemos a consolar um pae por esta catastrophe, sabemos que o verdadeiro amor paternal n'este caso brilha na angustia como rescende o incenso vasado sobre as brazas. O OCCIDENTE na sua funcção moral e sociologica, vem aqui prestar a homenagem da justiça a um morto illustre, porque o sentimento da justiça deve ser a alma da sociedade.

Na sessão da camara dos srs deputados de 26 de janeiro de 1892 o talentoso deputado o sr. João Pinto dos Santos prestou, com a sua sincera quente e brilhante palavra, a largos traços, homenagem á memoria do valente official. A camara já tambem havia approvado um voto de profundo sentimento proposto pelo deputado o sr. Cancella.

Para o tribunal da historia apoz a justiça de Deus, não ha outro caminho recto senão o do dever, o nosso chorado official morreu bem, porque morreu n'elle.

Ferreira-Deusdado

EGREJA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA

EM GUIMARÃES

V

(Concluido do n.º 478)

Provavelmente foi mandada fazer e doada por el-rei D. João I á pequena igreja de S. Miguel do Castello, á qual pertence, posto que se guarde no thesouro da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

Outra peça antiga, e muito curiosa, é um *cofre de prata* macissa, todo guarnecido de lavores em relevo, com o brazão de armas dos Cunhas. Foi offerecido a esta collegiada pelo seu dom prior Ruy da Cunha. E n'ele depositaram algumas relíquias de differentes santos, as quaes trouxe de Roma para esta igreja o arcipreste Fernando Gonçalves. Tem de peso 27 marcos e duas onças. E' costume ser conduzido em algumas procissões.

De entre os vasos sagrados e cruzes, que se guardam n'este thesouro, os que deixo descripto são os mais notaves pelo merecimento artistico e archeologico, e pelas memorias historicas, que recordam. Contém, porém, além d'estes outros calices, custodias e cruzes de prata dourada, e diversos relicarios da mesma materia, cinzelados com muito primor, e ostentando graciosos desenhos, tanto na sua fórma, como nos lavores, que os guarnecem.

São muitas, e algumas de grande riquesa, as joias do ornato da imagem de Nossa Senhora da Oliveira, que se guardam n'este thesouro, e que servem unicamente em dias festivos. Mencionarei as principaes. Uma *coróa* grande de Nossa Senhora, de ouro macisso, toda cravejada de brilhantes, esmeraldas e rubis. Não sei, ao certo, quantos marcos pesa, mas são bastantes. E' uma peça de muito merecimento artistico, e de subido valor. Um *peitoril*, todo cravejado de pedras preciosas, obra de grande preço e perfeição.

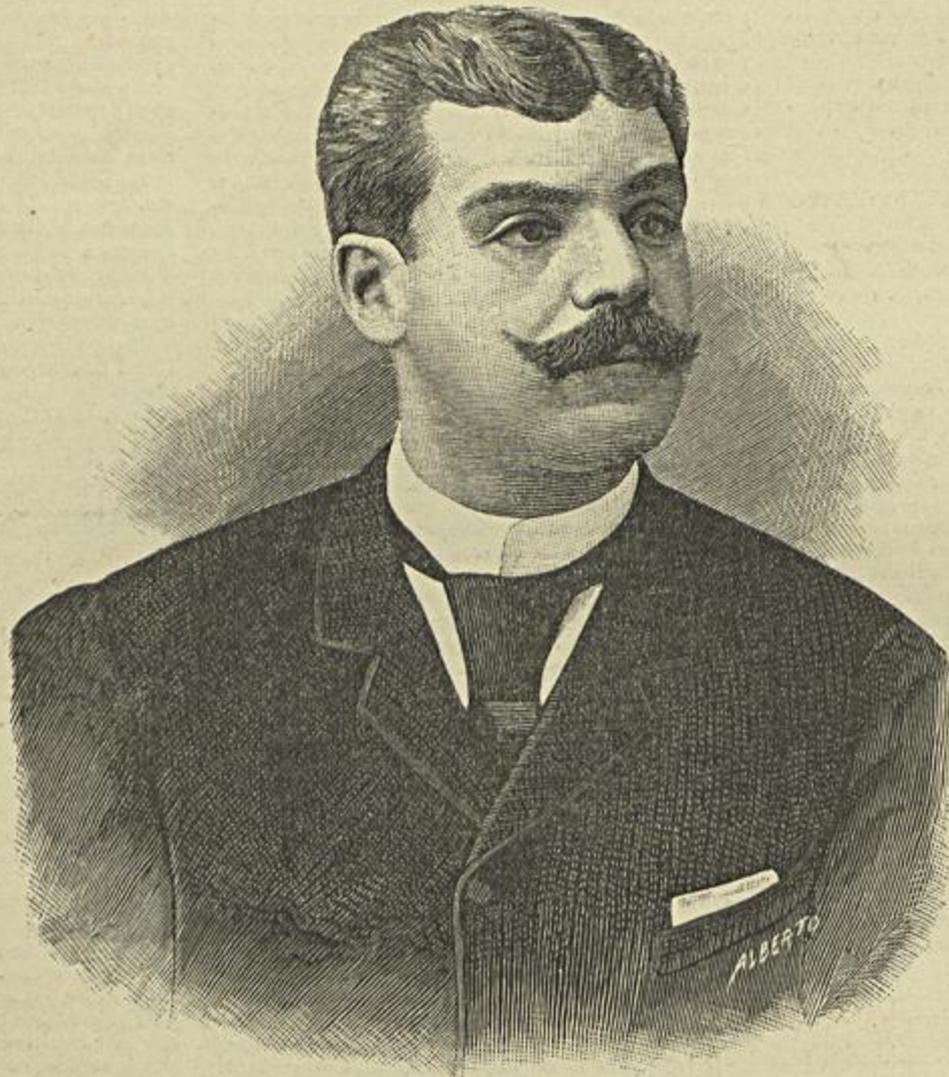
A chamada *meada de Nossa Senhora* consiste em numerosos e compridos cordões de ouro, mui delgados, reunidos em fórmo de meada, tão pesada que custa a sustental-a na mão com o braço erguido. Enfeita-se a imagem da Virgem com esta meada, posta em volta da cintura, que aperta com um nó cahindo o resto pela frente dos vestidos até aos pés. Esta meada é de trabalho esmerado e delicadissimo. Creio que foi dadiva de D. João da Silva e Salzedo, viajante aventureiro, que deveu ao valor do seu braço a fortuna, que desfructou e o cargo que exerceu por muito tempo de governador do porto de Santa Maria no reino visinho.

Afóra estas joias, possue Nossa Senhora da Oliveira uma cruz de ouro, cravejada de esmeraldas, offerecida pelo mesmo devoto; um afogador e outras peças de ouro, guarnecidas de aljofares e esmaltes.

São muitas as peças de prata do serviço dos altares e ornamento da igreja, taes como alampadas, castiçaes, cruzes, sacras, calices, galhetas, thuribulos e navetas, jarros e salvas, etc. Entre estas peças ha tambem algumas dignas de particular attenção pela sua antiguidade, elegancia de fórmas e excellencia de esculptura.

A' vista d'esta resenha, embora breve e incompleta, bem se poderá julgar, que não ha no reino outra igreja, que possua um thesouro tão copioso e tão rico de objectos archeologicos, de preciosidades artisticas e historicas. Se todos estes objectos são muito para vêr e admirar, dão deve causar menos admiração aos nacionaes acharem o thesouro, pois não faltam aos invasores implacaveis, e sedentos de ouro, os meios de intimidação e coacção. Usando d'elles, levaram os francezes da Sé de Braga e de outras igrejas do Minho e de muitos templos e estabelecimentos publicos de Lisboa, grande quantidade de objectos preciosos, alguns dos quaes tinham debalde sido escondidos ás vistas do inimigo.

Tambem se guarda no thesouro d'esta collegiada um objecto, cujo valor na actualidade é tão sómente historico. E' um pelote de el-rei D. João I, e, conforme a tradição, o proprio que este soberano trazia vestido sobre a armadura na memoravel batalha de Aljubarrota. E' o pelote uma especie de casaco largo sem gola nem mangas. Este trajo começou a usar-se entre nós no seculo XIV e durou até fins do seculo XVI. O de el-rei D. João I era primitivamente de brocado de ouro e seda; porém agora pouco ouro se lhe divisa; tão gasto bem como typo de claustros de eras de que nos restam mui poucos exemplares; e como tal, util para o estudo da historia da architectura nacional. Não sei ao certo a epoca, em que foi construido. A falta de noticias escriptas ou tradicionaes, sómente se poderia chegar a alguma conclusão pelo estudo e analyse comparativa d'este claustro com outros de eras sabidas. Entretanto não é licito duvidar de que é obra muito anterior ao seculo XIV.

E' bem de presumir, que os aluidores, que não respeitaram o templo do mestre de Aviz, monumento venerando de um dos mais gloriosos e importantes feitos da nação portugueza, não poderiam respeitar o pobre claustro, que apenas se recommendava pela singeleza austera da antiguidade. Por conseguinte tudo foi caiado, muitas vezes caiado, de modo que o granito das arcadas, das paredes e das abobadas, com a grave côr que os

O OFFICIAL DE MARINHA MANUEL BARBA DE MENEZES

(Segundo uma photographia)

alli conservadas todas essas riquezas, depois de duas invasões estrangeiras, que assolaram a provincia do Minho até á cidade do Porto, a do exercito hespanhol commandado pelo general Taranco nos fins do anno de 1807, e a de exercito francez sob as ordens do marechal Soult, duque de Dalmacia, na primavera de 1809.

Escaparam, com effeito aquellas riquezas á rapacidade do inimigo, porque houve na collegiada de Nossa Senhora da Oliveira membros zelosos e diligentes, que se lembraram de esconder todos esses objectos, apenas constou a aproximação dos invasores, e por tal modo souberam occultal-os, que o inimigo, apezar da sua insaciavel avidez, não descobriu o esconderijo, ou não suspeitou, talvez, do encobrimento. Porém, não se pense que os invasores deixaram Guimarães sem exercerem a rapina na collegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Levaram d'ella muitas peças de prata, que representavam um grande valor, e que tornavam o seu thesouro ainda muito mais rico do que é presentemente. Mas não era possivel esconder tudo, porque se entendeu, e com razão, que n'esse caso correr-se-hia perigo de vir a ser descoberto todo se acha do correr do tempo e das muitas mãos que tem pegado n'elle. Não obstante achar-se despojado do metal que devia tornal-o muito pesado, ainda assim não peza menos de seis a sete kilogrammas, por causa dos volumosos chumaços, que tem, principalmente no peito. Foi offerecido a Nossa Senhora da Oliveira pelo referido monarcha; o que mais corrobora a tradição, juntamente com a circumstancia de ser levado, desde aquella epocha, na procissão que se faz todos os annos, no dia 14 de agosto, anniversario da victoria de Aljubarrota; e que sae da igreja de Nossa Senhora da Oliveira para a praça contigua.

VI

Em um dos braços do cruzeiro da igreja abre-se uma porta, que conduz para o claustro. Não sobresae este pela belleza ou grandiosidade da traça, nem pelas galas da architectura. As suas abobadas são baixas; é acanhada e arcaria; são pequenas as columnas, que a sustentam e mesquinhos e grosseiros os lavores dos capiteis, representando figuras e folhagens. Todavia tem merecimento, não só pela sua antiguidade, mas tambem

seculos lhe foram dando na sua passagem, ficou encoberto, perfeitamente occulto, sob as muitas camadas de cal.

Estende-se o claustro por detraz da capella mór, constando sómente de tres lanços. Vêem-se n'elle alguns tumulos, de architectura simples e modesta, mettidos em arcos no grosso da parede. Em um dos lanços do claustro abre-se uma porta com arco em forma de ferradura, sustentado por duas columnas, exactamente segundo o estylo arabe. Em volta do claustro ha varias capellas, algumas das quaes, fundadas por particulares, eram cabeças de morgados.

Está encostado a este claustro, com porta para elle, o *palacio do dom prior*. Apesar do titulo com que se decora, a morada dos prelados d'esta collegiada não apresenta no seu prospecto regularidade, nem nobreza. A frontaria deita para um pateo com um portal que dá sahida para a rua de Santa Maria. E' pouco elevada essa fachada; são pequenas e sem ornamentação as suas janellas. Uma escadaria de pedra dá serventia, exteriormente, do paço para o pateo, e é a principal entrada d'aquelle. As salas são poucas e acanhadas.

Presentemente uma familia burgueza medianamente abastada achar-se-ia alli mal accommodada. Porém, tal era o viver singelo da nação nos primeiros seculos da monarchia, que este paço, a que bem quadrava então esse nome, era habitação condigna da opulencia e representação dos prelados d'esta igreja.

Quando el-rei D. João I, já victorioso nos campos de Aljubarrota, andou pelo reino a conquistar as terras, que tinham voz por Castella, indo á Provincia do Minho com este proposito, encontrou Guimarães opposta á sua auctoridade e defendida energicamente por Ayres Gomes da Silva, que a governava em nome de el-rei D. João I de Castella, em poder do qual tinha cahido, infelizmente depois que o mestre de Aviz fôra em romaria a Nossa Senhora da Oliveira, em cumprimento da promessa feita antes da batalha, e a offerecer-lhe os tropheus da victoria. Deu-se o assalto; foi entrada a villa á força de armas, e o mestre de Aviz aposentou-se no palacio do dom prior. E' natural que esta mesma casa lhe servisse de residencia, quando foi a Guimarães d'aquella outra vez; e assim tambem quando, passados alguns poucos annos, voltou a essa villa, nas proximidades do seu casamento com a rainha D. Filippa de Lencastre. Porém, os auctores, que tratam d'esses successos, apenas designam as casas em que este monarcha se aposentou em Guimarães, com referencia á tomada d'esta villa.

Desfructou esta collegiada, como disse em outro logar, muitos privilegios e preeminencias, e avultados rendimentos. As reformas politicas acabaram com esses privilegios, cercearam-lhe muito as preeminencias, e tambem lhe diminuiram consideravelmente os rendimentos. Resta-lhe, como memoria da sua passada grandeza, o titulo honorifico de *real e insigne collegiada.*

A dignidade do dom prior, a que correspondem honras episcopaes, tem sido exercida, geralmente fallando, desde a sua origem sob o governo do conde D. Henrique de Borgonha, por individuos de esclarecida nobreza, e, apesar das vicissitudes dos tempos e da fortuna, foi sempre muito considerada na jerarchia ecclesiastica do nosso paiz. No catalogo d'estes prelados figuram, alem de muitos fidalgos pertencentes ás principaes familias do reino, dois principes da casa de Bragança. Foram estes D. Fulgencio, filho de D. Jayme, unico do nome e quarto duque de Bragança, e da duqueza D. Joanna de Mendonça, e D. Alexandre, filho de D. João I do nome, e sexto duque de Bragança, e da duqueza D. Catharina, filha do infante D. Duarte, duque de Guimarães, e neta de el-rei D. Manuel. Tambem foi dom prior d'esta collegiada D. João de Bragança, filho do 2.º marquez de Ferreira, e da marqueza D. Eugenia, filha do duque de Bragança D. Jayme.

As collegiadas, que desfructam o titulo de *Insignes*, estão extinctas por lei das côrtes, mas para se verificar a extincção depois do falecimento das dignidades e conegos. Por esta razão a collegiada de Nossa Senhora da Oliveira não tem dom prior ha muitos annos. Hoje está reduzida a uma so dignidade, o thesoureiro mór, e mais tres conegos.

O archivo d'esta collegiada, situado junto ao claustro, para o qual tem porta, é um dos mais notaveis do reino pela grande copia de escripturas e outros documentos antigos, que possue, não poucos anteriores á fundação da monarchia; e muitos d'elles, embora concernentes aos bens, regalias e isenções concedidas á collegiada, são importantes para a historia de Portugal, pelos personagens que n'elles figuram, ou por successos que narram, ou a que fazem referencia, ou emfim pelas cerimonias, usos e praticas de que dão testemunho.

VII

Resta-me fallar de um monumento, que, não obstante estar separado do edificio da collegiada, diz-lhe respeito.

É o cruzeiro coberto, que se levanta na praça, em frente da porta da igreja, e em distancia de poucos passos do adro. Dão-lhe o nome de *padrão*, e teve por fundador a el-rei D. Affonso IV.

E' um edificio composto de quatro arcos ogivaes, formando um quadrado, coberto de abobada de laçaria de pedra. Compõe-se cada arco de varias columnas delgadas, com seus capiteis de figuras e folhagens grosseiramente esculpidas. Encostam-se os arcos a quatro grossos pilares de cantaria, que formam os quatro angulos, em que se estriba a abobada. Sobre o vertice de cada um dos arcos vê-se o escudo das armas reaes, da maneira que el-rei D. Affonso IV usava d'ellas. Entrando por qualquer dos quatro arcos, sobe-se dous degraus para um pavimento lageado, no meio do qual se ergue, debaixo da abobada, um esbelto e formoso cruzeiro de pedra fabricado segundo o estilo gothico. Além da imagem de Christo crucificado, adornam este lindo cruzeiro as estatuas de Nossa Senhora, de S. João Evangelista, de S. Damaso, papa, natural de Guimarães, de S. Torquato, martyr, arcebispo de Braga, de Nossa Senhora do Rosario, de S. Filippe, apostolo de S. Gualter, todas de vulto inteiro. As quatro primeiras estatuas ornamentam a cruz da parte em que está a imagem de Christo crucificado; as tres restantes do lado opposto.

Na haste da cruz está uma lamina de bronze com a seguinte inscripção gravada, tendo todas as palavras separadas umas das outras por uma cruz similhante á da ordem militar de Christo: *A onra d Deus e d Scã Maria, e por esta uila mais onrada ser, e o poboo fez fazer esta obra Pero Steves, de Guimarães, mercador em Lixboa, filho d Estevão Gcia, e de Mta Pez, na E. M. CCCLXXX annos. VIII dias d Setembro.*

M. L. R. O. F. E. X.

Esta data de 1380 é a de Cesar, que corresponde á de Christo de 1342.

PONTE DE LIMA

(Segundo uma photographia de E. Biel)

Este Pero Esteves, filho de Estevão Garcia e de Martha Peres, foi o fundador, isto é o que fez collocar o cruzeiro n'aquelle logar no dia e era acima referida.

Mas como disse logo no principio, narrando a lenda de Nossa Senhora da Oliveira, este cruzeiro foi mandado fazer na Normandia e d'alli transportado para Guimarães por Gonçalo Esteves, irmão do dito Pero Esteves.

A cruz tem por base um pedestal composto de varios degraus, que servem de assento ao povo.

Debaixo da mesma abobada, encostado ao arco fronteiro á porta da igreja, está um altar com uma imagem de Nossa Senhora da Victoria. Foi alli collocado em commemoração da victoria de Aljubarrota. E, todos os annos, no dia 14 de agosto, anniversario d'este glorioso successo, vão os conegos alli em procissão solemne, levando hasteado o pelote de el-rei D. João I. Depois de se celebrar missa em acção de graças, no altar de Nossa Senhora da Victoria, recolhe-se a procissão ao templo.»

R.

PODER DA VONTADE

(CONTO MEDIEVAL)

Ali-Amrú era um moço vivissimo, audacioso, de uma desenvoltura que estava muito longe de ser propria da sua idade.

Contava apenas dezeseis annos: dezeseis primaveras floridas, viçosas, a enlaçarem-se-lhe na cabeça, coroada de cabellos de um fulvo invejavel, vindo a despontar apenas n'um buço virgem, graciosamente lançado no labio superior.

Era bello o moço.

Mas que importava a belleza se era sem patrimonio e sem familia!

Orphão quasi ao nascer, sem bens alguns de fortuna, quem poderia dar-lhe a mão na lucta titanica pela existencia?

Andaces fortuna juvat.

O nosso rapaz não sabia o latim mas conhecia na sua lingua um aphorismo semilhante.

Ha pensamentos que são cosmopolitas; existem em todos os idiomas sem que ninguem os traduzisse.

Audacia, já o dissemos, não faltava ao moço.

Foi-se á floresta: com a sua faca cortou um bordão, e, sem sacóla nem escudella, arrimado a elle, lá se foi por caminhos e desertos em busca da tal senhora caprichosa — a fortuna — que havia de ajudal-o a subir ao pinaculo das suas aspirações.

E tinha aspirações o rapaz, mas aspirações nada vulgares.

Sonhava ter castello e castellã, servos e vassallos, torres e jardins; possuir ouro e brilhantes, vidas e corações.

Era sonhador o moço.

Cahira a noite, e n'isto ia ainda sonhando, ao tempo em que na planice surgiu, como por encanto, um velho de longas barbas, alvas como uma estriga de linho cuidadosamente curado ao sol de março na praia de um rio crystalino, e que, bem posto ás cavalleiras no seu onagro de orelha esguia, caminhava na mesma direcção.

Ao vel-o Ali-Amrú, que sabia por instincto respeitar religiosamente os cabellos brancos da senectude, desbarretou-se logo e, em graciosa curvatura dorsal, disse:

— Eu vos saudo, venerando avôsinho; dae-me a vossa benção.

— Em nome do grande Deus eu te abenço-o para que sejas feliz na vida aventurosa, que resolveste seguir.

— Oh! muito sabeis, bom avô, que assim lêdes no meu coração.

— Não te admires Ali-Amrú, porque Allah está na tua presença.

Ao ouvir taes palavras Ali-Amrú ficou por tal fórma assombrado que o seu primeiro movimento foi lançar-se por terra, cobrir a cabeça e o rosto com a ponta da capa, listada de cores vivas e alegres, em que predominavam o vermelho do fogo e o loiro da espiga do trigo em tempo de messe.

Apeou-se de prompto o velho: levantou com ternura o moço; affagou-o com meiguice na face, e convidou-o a acceitar a garupa do seu onagro, que tousurava mansamente na relva rasteira do chão inculto.

Passado o primeiro momento do espasmo Ali-Amrú olhou o ancião, e fixando a vista n'aquelle semblante, onde aberta e francamente se lia a bondade, o affecto paternal, serenou completamente o animo, e, depois, com uma resolução prompta, beijou-lhe a fimbria do manto e saltou lesto na garupa da alimaria.

A noite estava explendida.

A lua, em pleno alvor, cahia brandamente sobre aquelle grupo adoravel em que a vida e a decrepitude tão estreitamente se abraçavam como para indicar os dois extremos da vida.

As barbas do velho, levadas pela brisa acariciadora, davam scintillações de luz como superficie espelhada onde os raios da lua iam reflectir-se.

Ao longe ouvia-se o nivo de chacal e o grito da hyena.

Côro admiravel! Harmonias da natureza!

E o bom do velho, acoçando o onagro, começou a discorrer a proposito de tudo o que o cercava.

Dizia... dizia... e Ali-Amrú a ouvir, a gostar, a indagar o porque das coisas, a querer entrar em investigações mais fundas e mais transcendentes.

Decorrido pouco tempo já não era o velhote que fallava mas o rapaz que dizia e que discursava por feitio e arte que, ao escutal-o, dir-se-hia que um raio do espirito do velho lhe penetrara no cerebro e o allumiava como facho radiante de calor e de vida intellectual.

E' que o seu espirito claro, desenvolto, já á vontade, sem o embaraço dos primeiros momentos da conversação com um estranho, achava campo para espraiar-se, e fazia-o com a belleza propria da mocidade, radiante de genio e de aspirações.

Isto agradou ao ancião, que para o experimentar, lhe propoz varias questões, que o moço resolveu sem deixar nada a desejar.

Era um talento o rapaz, mas um talento sem direcção nem estudo: campo fertilissimo, que merecia ser tratado com o esmero da arte e da sciencia.

N'estas condições não seria fertil, seria uberrimo.

Estava prestes a romper o primeiro alvor do dia e o velhote, retesando as redias do animal, disse estacando:

— Fizeste-me agradaveis as horas da noite, que passámos juntos. E's moço, podes muito com a tua força de vontade e a tua natural e lucida intelligencia, mas isso não bastará para que realizes os desejos da tua boa alma. Vou pois ajudar-te.

E, dizendo, tirou da sacóla uma pequena caixa rectangular, ornada de preciosos engastes de ouro e pedrarias, entre as quaes sobresahiam magnificos brilhantes, que faiscavam nas trevas meio extinctas pelo crepusculo da manhã.

— Toma este objecto...

E emquanto Ali Amrú o recebia, admirando-lhe a belleza, o velho continuou assim:

— Constituo-te seu depositario por tres dias apenas, findos os quaes pedir-te-hei a sua restituição... Emquanto estiveres de posse d'elle poderás realisar os mais bellos sonhos da tua vida de mancebo se, sem exitação, obedeceres ás suas menores indicações.

— Como assim, exclamou Ali-Amrú, pois este pequeno cofre terá o dom de fallar como qualquer de nós?

— Sim, mas em tom de voz tão submisso que só um ouvido bem apurado poderá percebel-a.

— Então esta caixa preciosa é?...

— Um microscopico apparelho phonographico, cuja invenção está reservada para d'aqui a alguns seculos. Edisson cobrir-se-ha de gloria com a sua descoberta, outro, porém, só alguns mil annos depois poderá aproximal-o da perfeição d'este que te confio. E, todavia, o seu machinismo é simples. Quando tiveres necessidade de o consultar bastará que carregues com o dedo sobre este botão de marfim para que logo se faça ouvir a palavra ou a locução indicadora do que te convirá fazer.

Ali-Amrú estava deslumbrado não tanto pela riqueza da joia, que lhe fôra confiada, como pelo condão, que se lhe attribuia, e que acreditava cegamente lhe seria de grandioso auxilio.

Reconhecido ao alto favor, que acabava de receber d'aquelle homem mysterioso, prostrou-se novamente por terra para lhe beijar as sandalias, mas, apenas feito o movimento de cahir sobre os joelhos, o bom do velho desappareceu, sem deixar na clareira outro vestigio da sua passagem mais do que a potentosa alimaria, que logo se foi a pastar na orla da floresta.

Novamente maravilhado ficou Ali Amrú do que lhe succedia e indeciso sobre o que deveria fazer.

Passageira, porém, foi a irresolução do moço.

Carregou sobre o botão da pequena caixa e logo lhe ouviu pronunciar distinctamente a palavra — cavalga.

Olhou em roda e viu o onagre refazendo o estomago com a verdura do bosque.

Comprehendeu o que lhe cumpria fazer.

Foi-se direito ao animal; de um salto cahio-lhe sobre o dorso e, orientando-se na direcção do norte, fustigou-lhe a anca.

N'isto começou uma carreira vertiginosa, terrivel, asphyxiante, medonha!

Ali-Amrú enclinou-se sobre o pescoço do onagro e fechou os olhos.

Passadas algumas horas a carreira, ou antes aquelle vôo arrebatador, que só podia competir com a velocidade de uma corrente electrica, continuava ainda sem afrouxar um momento.

Deveria estar a muitas mil leguas do ponto da partida.

Teria andado de mais? conviria parar?

Foi o pensamento que lhe atravessou o cerebro.

Levantou um pouco a cabeça, aproximou o microscopico apparelho do pavilhão auricular carregando ao mesmo tempo sobre o botão de marfim e ouviu que pronunciava correctamente as expressões — para o occidente.

O sol ficava-lhe ainda á direita: Ali-Amrú fez um esforço enormissimo e inclinou a cabeça do animal sobre a esquerda.

A desfilada, suspensa apenas um segundo, recomeçou com igual vigor.

Não corria; desapparecia, voava nas azas do proprio vento.

De subito o onagro estacou.

Ali Amrú, animado do movimento que o animal imprimira ao seu proprio corpo, foi arremeçado violentamente para a frente a muitos passos de distancia.

A surpresa do acontecimento e a violencia da queda atordoaram-o por fórma que por mais de um quarto d'hora não teve forças para levantar-se.

Julgou-se morto, em viagem para a patria do propheta, precipitado n'um abysmo profundissimo por onde os membros lhe ficavam a pedaços.

Era como o dilirio de uma febre ardentissima, que pouco a pouco se foi decipando.

Experimentou primeiro o movimento de uma das pernas, depois o da outra, depois o de um braço, até que, lentamente, ergueu meio corpo e ficou sentado no chão relvoso, tapete magnifico, que a natureza offerece prodigamente, aos desprovidos da sorte, como compensação ás muitas outras duresas da vida.

Relanceou a vista em torno de si: era explendido o panorama!

De um lado a montanha alcantilada, erriçada em pontas agudas. Ao fundo o valle. Ao outro lado a planice d'espaço a espaço levemente accidentada. A' direita um rio caudaloso e nas margens d'elle uma vegetação luxuriante, verdejando com todo o vigor da seiva e do latex.

A' esquerda, um outeiro pouco elevado, um castello soberbo, cercado de ameias, com suas vigias, semilhando meniaturas de miranetes, e a sua ponte levadiça, suspensa de possantes cadeias de ferro.

Era grandioso o castello, mas a pequena distancia do fosso, que o cintava, hasteava-se uma forca d'onde pendiam, já meios desfeitos pela acção do tempo e pela voracidade das aves carnivoras, alguns corpos humanos, informes, ascorosos, carcomidos, abertos em cavernas medonhas!

Era a moradia de um sozarano feudal em pleno coração da Europa, que dispunha das vidas dos seus servos sem que d'isso tivesse que dar contas a Deus, com quem tinha aproximações; que era senhor de baraço e cutello, que tinha o direito, elle mesmo, de fazer justiça summarissima — justiça de Fafe — como entre nós se diria, se ao tempo já Fafe se tivesse notabilisado pela tal justiça.

Ali-Amarú que ignorava tudo isto, teria ido logo direito ao castello, se antes não tivesse visto o infame instrumento do supplicio: assim, em vez de avançar, resolvia retroceder, quando se lembrou do seu precioso conselheiro.

(Continúa) *A. Motta.*

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

XXVI

A HERANÇA DO BASTARDO

No dia seguinte o corpo do morgado de Louredo era dado á sepultura no carneiro da egreja do Calvario, tendo por simples acompanhamento o corregedor de Beja, Luiz e Fernando, e o velho Bernardo, o abegão dos Peres Corrêa, a quem a scena lugubre da noite antecedente causara um extraordinario abalo.

No atrio esperavam o esquife, que era levado por quatro rapazes vigorosos, Litta e alguns populares a quem a curiosidade attrahira ali.

A tragedia que durante a noite se havia desenrolado no pavilhão da rua do Calvario desde manhã andava de bocca em bocca, descripta ao sabor

dos noveleiros e romantisadores dos escandalos da villa.

Para uns o morgado de Louredo era um pobre velho ludibriado a quem o amante da mulher ainda ia arrancar um thesouro para se locupletar com elle, e gosar faustosamente em companhia da sua amante; para outros, o morgado não passava de um especulador infame que perdera a mulher e lhe mandara matar um filho, para se apossar d'esse thesouro que, agora, a justiça lhe ia arrancar das mãos avaras.

Estes dois partidos em que a opinião publica se dividiu causou um gravissimo desgosto a Luiz Ferreira Lobo.

Se procurara o morgado fôra, é certo, para levar a justiça a castigal-o pelos crimes de que se fizera réo, mas tambem para haver esse dinheiro que elle extorquira a uma pobre rapariga inexperiente, obrigando-a a assignar escripturas de venda das propriedades que eram seu patrimonio e de que elle guardava as quantias em reluzentes peças de ouro.

Porém, não se havia lembrado que advogando a causa da morgada e trabalhando para que a fortuna lhe fosse reentregue, toda a gente voltaria para elle os olhos desconfiados e deixaria assumar aos labios um meio sorriso ironico como que a dizer estas phrases:

— Quiz reparar o passado, historias, obrigou o marido a entregar o milhão á mulher para que afinal elle lhe fosse parar ás mãos.

Desde então todo o seu desejo fôra afastar de si essas suspeitas.

Quem o conhecia sabia perfeitamente que era o herdeiro de uma das mais bonitas e mais solidas fortunas de Portugal. A casa dos Ferreira Lobo tinha inumeras propriedades não só na Extremadura como em muitos pontos do Alemtejo, que lhe davam annualmente um rendimento proximo de trinta mil cruzados; além d'isso por morte de sua tia D. Angelica, que já havia testado a favor do sobrinho, Luiz poder se-hia julgar senhor de outra fortuna, senão similhante, pelo menos muito proxima a equipara se lhe.

Com a partida de seu pae para o Rio de Janeiro, Luiz ficára administrando tudo que eram pertenças de sua casa e da casa de sua tia, e ambos, para este fim, lhe haviam estabelecido avultadas mezadas que lhe davam bem á farta para viver, sem que precizasse prender a sua vida a qualquer carreira, pois havia cursado estudos para poder fazer brilhante figura nas armas ou nas letras.

Mas os que o não conheciam, e portanto ignoravam taes circumstancias, não estavam no seu direito de pensar d'elle menos favoravelmente?

Fernando ainda quiz dissuadil-o, dizendo-lhe que taes escrupulos eram pueris, mas Luiz teimou em que muita gente poderia julgar o seu procedimento interesseiro, e por isso havia de mostrar, por todos os meios, que o seu casamento com Anna da Soledade era simplesmente um encargo moral que havia contrahido com a sua consciencia, e que recebendo-a por legitima mulher tinha bem com que a manter, mesmo se quizesse deixar a vida pacata de provinciano para estabelecer residencia na côrte e apresental-a ahi com todas as grandezas d'uma duqueza.

A morte do morgado dispensava agora a prova que era necessario fazer-se em juizo para se julgar a nullidade do casamento entre elle e Anna da Soledade; ainda assim Luiz não quiz passar sem que ella fosse dada.

N'isto estava a base de todo o processo de revisão da sentença, que havia sido dada no julgamento do adulterio. Provado que o casamento não fôra de facto como pedir a responsabilidade d'esse crime á que se havia condemnado como culpada?

Foi dois mezes depois da morte de Claudio de Castro que o seu casamento foi julgado nullo, e d'ali a dias o mesmo tribunal annullava a sentença que condemnara á reclusão Anna da Soledade, proclamando a sua liberdade e mandando entregar-lhe os trezentos e cincoenta contos que haviam sido encontrados em poder do morgado de Louredo, por se provar ser esse dinheiro proveniente de extorsões feitas por elle *á que permeditadamente fizera passar como sua mulher.*

Foi quasi ao findar esta audiencia que Anna da Soledade mandou fazer a declaração de que esse dinheiro seria dividido em parcellas iguaes pelos diversos hospitaes e misericordias de todas as cidades e villas do Alemtejo, afim de o empregarem da fórma que lhes désse maior rendimento, obrigando-se a entregar igual somma dez annos depois a Emilio Ferreira Lobo.

D'esta fórma durante dez annos isto é até á maioridade de Emilio, a ninguem assistiria o direito de tocar n'esse dinheiro, tão fatal para Anna da Soledade e que a Luiz tanto repugnava o contacto.

Garantindo o futuro de Emilio que, pelo facto de ser seu herdeiro forçado, tinha já a perspectiva de uma herança fabulosa, e, dando aos hospitaes e misericordias o usofructo dos trezentos e cincoenta contos, Luiz assegurava á sua consciencia e portanto ao seu espirito, a certeza de que ninguem ousaria agora pôr em duvida o desinteresse d'essa ligação com uma mulher pobre, pelo menos durante dez annos.

Foi só depois das coisas estarem n'este pé que Luiz entendeu dever escrever a seu pae participando-lhe a resolução em que estava, o que fizera para poder reparar a culpa que tanto o havia escandalisado, e os passos que dera para encontrar seu filho, que era o seu neto, se elle lh'o auctorisasse a perfilhar. Que sentindo nas veias o sangue leal e brioso d'uma descendencia de homens honrados, como eram os Ferreira Lobo, julgara dever justificar o seu procedimento perante Deus e perante seu pae, apagando uma nodoa que infamava a honra de uma mulher a quem a paixão dominara o raciocinio e que se lhe êntregara impellida pela desgraça, que a fizera victima das machinações ambiciosas de um velho decrepito e malvado.

Circumstancia alguma, por minuciosa, deixou de ser relatada n'essa carta memoravel em que se patenteava franca e abertamente a alma pura e sincera de Luiz.

E que havia na sua vida que elle se envergonhasse de contar a seu pae depois de haver regressado do Brazil?

Por mais austero, por mais inacessivel que fosse Rodrigo José Ferreira Lobo tão franca narração não podia deixar de o impressionar. Sabedor agora de todas as causas que haviam determinado o mau procedimento de Luiz, desculpou-o e perdoou-lhe, dando-lhe não só o consentimento pedido mas auctorisando-o a liquidar até metade da totalidade dos seus bens ou entrar na posse d'elles como legitimo senhor.

Nem uma cousa nem outra aceitou Luiz. Pediu para que tudo continuasse como até ali. A mezada era-lhe sufficiente e para a sua completa felicidade só aguardava o instante de o poder abraçar.

Continua

Julio Rocha.

CONTOS MILITARES

O POUCA-ROUPA

A caserna é o filtro por onde constantemente passam exemplares de todos os temperamentos e de todas as educações.

Não é só o bisonho sertanejo que a visita quando o tributo de sangue o chama ás armas, nem tão pouco o operario, que deixa saudoso a fabrica, quando a sorte o compelle a alistar-se:

Na caserna entra tudo, tudo, desde as fezes da sentina social até aos que comprehendem e observam os dictames da dignidade humana, e que sabem accommodar-se ás conveniencias d'essa vida difficil e nobre, chamada *vida militar.*

Poetas, philosophos, artistas, operarios, vadios e todos os representantes das diversas camadas sociaes, tudo ali se encontra representado, porque é d'entre essas mesmas camadas que a lei vae tirar os defensores da patria, — que muitas vezes transforma de trabalhadores laboriosos e honestos em ociosos e maus, para esterco das prisões e para vergonha da especie.

. . . .

Quando passará a caserna a ser escola?

. . . .

*

Ora o *Pouca roupa* —, um soldado muito pulha e talentoso, que os camaradas assim chrismaram picarescamente em razão do seu fraco arranjo individual, tinha o numero trinta e quatro na segunda companhia do antigo regimento nove.

Descuidado de tudo, e muito nomeadamente do proprio vestuario, era por taes motivos um *modêlo* de desleixo, ou um cumulo de desmazêlo.

O commandante da companhia — um rapaz sabedor, e d'uma bondade inexhaurivel —, já andava farto d'applicar-lhe, a seu pesar, todas as penas disciplinares do regulamento; porque o *alma do diabo*, como o sargento lhe chamava, era tão insensivel aos castigos, como se fosse feito de pau ou chumbo.

E não obstante, o *Pouca-roupa*, nos primeiros tempos de serviço fôra uma praça correcta, em que os superiores anteviam um formosissimo sargento.

— Que singular metamorphose seria esta?... interrogavam-se todos os que assistiam á derrocada moral do indifferente trinta e quatro.

*

Um dia o capitão chamou o soldado ao gabinete.

Queria que lhe dissesse o motivo porque sendo elle um rapaz d'educação, se exhibia, assim, um soldado repellente.

O *Pouca-roupa*, acanhado perante o superior, não respondeu logo, apesar de ser de sobra intelligente para explicar com nitidez o que o capitão desejava.

— Vamos; convidou este, não perdendo o menor gesto e contracção do compromettido inferior:

«Alguma razão forte pesa no teu animo, que te tem levado a desprezar conselhos e a receber com indifferença os castigos».

— E' verdade, meu capitão:

«Alguma coisa ha mais energica do que a minha vontade propria, que me tem levado a *merecer* as punições que se me teem arbitrado».

— Que coisa é essa?!...

— A descrença...

— A descrença?!...

— Essa mesma.

— Explica-te.

— Explicar-me-hei.

*

O trinta o quatro tomou folego e cobrou animo.

— N'esta vida (continuou elle) não ha mestres: ha carrascos. Não ha incentivos: ha indifferenças, simplesmente indifferenças...

O capitão deu um pulo na cadeira, ouvindo o *Pouca-roupa* fallar assim... a criticar tão bem.

E que se esquecera que o soldado, viera d'um seminario, onde fôra estudante laureado, para o meio deleterio do quartel.

— O ser correcto, ou não ser, é questão para se folgar ou não folgar das punições que os regulamentos comminam. Premios, não os vejo, e nos premios é que residem os estimulos emquanto que os castigos repetidos e quasi sempre desiguaes desalentam e pervertem.

— E's tolo!... Pois não vês tu que no facto de se não soffrer a punição reside o premio dos bons soldados?

«E depois, que melhor premio que a baixa limda, que põe uma medalha ao peito das praças exemplares, e abre muitas vezes o caminho para as boas collocações?

O *Pouca-roupa* não póde evitar um sorriso leal, que o capitão surprehendeu.

— Surris?...

— Peço desculpa, meu capitão...

«E que conheço por ahi peitos, muito sujos, se bem que cobertos por fardas mais limpas do que a minha, sobre os quaes reluzem essas medalhas a que vossa senhoria se referiu.

«Quanto ás taes boas collocações, permita-me que lhe diga que a unica habilitação precisa para se conseguirem, todos nós a conhecemos...

— E que outros premios imaginaste tu se deviam dar ao soldado cumpridor dos seus deveres?

— Desde que ha castigo, como deve haver, tambem o premio deveria existir, para honra do direito humano.

«O não ser castigado não é premio: é justiça que se faz a quem não mereceu o castigo».

*

O capitão, desde o dia da conferencia por diante, começou de tratar o 34 como um philosopho *descoroçoado*, a quem sobejava a razão; e tirou-o para impedido seu, dando-lhe apenas a tarefa honrosa de dirigir-lhe um dos filhos no estudo do latim.

Quando o *Pouca-roupa* recebeu a baixa, fez-se immediatamente professor d'ensino livre, e, onze mezes depois, dava entrada no ministerio da instrucção publica, a despeito de cento e vinte guardas de castigo e duzentos e tantos dias de prisão que lhe *sujavam* e *baixa*.

A quem lhe perguntava como, com uma *baixa tão suja*, conseguiu uma ração na mesa do orçamento, respondia que a havia lavado com a lingua d'um deputado, a favor, de quem trabalhára nas ultimas eleições geraes

E digam lá que o *Pouca-roupa* não tivera carradas de razão, quando fallára ao capitão da companhia pela *porta dianteira.*

Lisboa, 1892.

Oliveira Mascarenhas.

NOVIDADES DA SCIENCIA

NOVO PAPEL REACTIVO EXTRA SENSIVEL.—O *Scientific American* indica uma nova preparação para papel reactivo de uma extrema sensibilidade. Tomam-se algumas folhas de papel filtro, branco, de reacção neutra, cortam-se em quadradinhos de quinze centimetros de lado, e mettem-se em uma tintura composta, 1 parte de curcuma, 7 de alcool e 1 de agua. Depois de seccas passam-se as folhas, cada uma de per si, por um banho composto de 40 gottas de potassa liquida por 100 de agua, e logo, em acto continuo, deitam-se em uma travessa de faiance, contendo agua pura. Deixem-se seccar de novo, cortam-se em tiras, como o papel de tornezol, e conservam-se em folhas de chumbo. Esta precaução é indispensavel porque o papel altera-se rapidamente ao ar, entretanto que, protegido pelas folhas de chumbo, conserva-se indefinidamente.

A sensibilidade d'este reactivo é muito maior que a do papel de tornezol; colora-se em uma solução de acido chlorydrico, a 1/150.000, e indica a presença de acido carbonico dissolvido na agua.

O melhor processo para empregar este papel consiste em tocal-o simplesmente com uma varinha de vidro, molhada na solução que se pretende ensaiar.

S. P.

REVISTA POLITICA

Já foram approvadas pela camara dos deputados as propostas de fazenda, depois de alguns discursos sobre posse, em que se disseram muitas coisas feias e bonitas, mas nada que substituisse aquellas propostas por coisa melhor, do que se póde bem concluir que é muito mais facil criticar do que fazer.

Sempre assim foi, e em coisas de politica principalmente, e se assim não fôra,não teriamos visto, tantos oradores e jornalistas, prégarem na tribuna e escreverem nos jornaes bocadinhos de ouro, mas quando lhes toca a vez de porem em pratica o que disseram e escreveram transformarem esses bocadinhos de ouro no mais reles pechesbeque do bazar dos tres vintens.

Ha tantos exemplos, e tão recentes, que não sabemos como esses criticos e esses salvadores em desponabilidade, tem ainda coragem de abrir a bocca, ou de escreverem sobre o assumpto

O que é certo é que todos se inculcam como talentos de primeira ordem, e melhor do que se inculcarem o elogio mutuo eleva-os ás maiores alturas, as suas medidas são de grande alcance, os seus calculos financeiros infaliveis, estadistas consumados, cabeças preveligiadas, e o paiz a abarrotar com tantos talentos a governal-o, chegou a este bonito estado!

Não póde haver nada mais ridiculo.

Quando um governo desce ao prozaismo do Deve e Haver e como simples mortal, pracura na triste realidade os meios de equilibrar praticamente esse Deve e Haver, voltam os talentos a criticar os meios de que o governo se serve, a achal-os de uma mediocridade nunca vista porque não são o maravilhoso que esperavam, esse maravilhoso com que se tem illudido o paiz, e que o levou ao ponto de já não haverem maravilhas possiveis para elle, e de ter de se governar como qualquer merceeiro que entende bem da sua tenda e sabe fazer fortuna com ella.

A completa falta de noções praticas em quem nos tem governado, é que produziu essas monstruosidades que se observam na administração publica, e se não lhes convem que deitemos essas monstruasidades á conta de ignorancia, então será preciso classificar de outro modo, como alguns deputados mais intransigentes tem classificado no parlamento os que tão sabiamente tem concorrido para este estado.

As medidas de fazenda do actual governo estão indignando os taes talentos que as acham chatas como uma folha de papel, que assim tambem elles sabiam equilibrar as finanças, mas que o não faziam porque temiam arruinar o paiz, do que se póde concluir que não ha nada para um paiz se enrequecer como empenhal-o até á raiz dos cabellos.

Adoraveis estes talentosos financeiros, que tem ainda o desplante de virem apregoar estas bernardices

Pois nós achamos que as medidas de fazenda o melhor que tem é a tal chateza que os talentos lhe notam, são perfeitamente humanas, despidas do maravilhoso, das intricadas combinações que ninguem percebe, e que só tem servido, para illudir o povo, e só lamentamos, como já dissemos em a nossa penultima revista, que ellas não sejam tão completas quanto era mister, exigindo, por ventura menos sacrificios, e restabelecendo mais moralidade.

ABBAS PACHÁ — NOVO KHEDIVA DO EGYPTO

Bem sabemos que, no estado a que as coisas chegaram não é possivel restabelecer a moralidade de um dia para o outro, mas o que é preciso é que um governo de salvação principie logo a desbravar o terreno das plantas danninhas que lhe sugam o sangue, para que a nova cultura possa medrar e compensar os sacrificios que se vão fazer.

Sobre o desbravamento do terreno ha já muitos que se areceiam, e vão taxando de jacobinismo as vozes que se levantam, indicando as taes plantas damninhas. Não lhe queremos mal por isso. Cada qual defender como póde os seus interesses é apenas uma questão de instinto, mas n'estes casos é perferivel ser jacobino do que pertencer á *grei*.

Se até o projecto de lei de incompatibilidades do sr. Camara Leme, que teve parecer favoravel da respectiva commissão da camara dos dignos pares, já está tambem inquietando a *grei*.

Esse projecto, que, se de ha muito tivesse sido convertido em lei, teria evitado em grande parte os abusos que se tem commettido, não merece o aplauso da *grei*, mas sim os chascos, chamando-lhe nomes feios, tratando-o de resto.

Ora o projecto diz o seguinte:

«Artigo 1.º São incompativeis as funcções de conselheiros d'estado, de par do reino, de deputado da nação, com os encargos de governador, vice-governador, administrador, membro do conselho fiscal de sociedade anonyma, empreza bancaria, mercantil, industrial ou de obras publicas.

§ 1.º Dos incluidos n'estas incompatibilidades aquelles cujas funcções politicas forem temporarias, só passados dois annos depois de terminadas, poderão acceitar quaesquer dos cargos cuja incompatibilidade é decretada

§ 2.º A transgressão do disposto no paragrapho antecedente, além de tornar *ipso facto* nullos os actos que os eleitos ou nomeados praticarem em virtude da respectiva investidura ou posse, será punida com a pena de suspensão por um anno do exercicio dos direitos politicos.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contra rio.»

Não foi sem grandes delongas e difficuldades que este projecto conseguiu abrir brecha na camara dos pares e chegou a ter parecer da commissão nomeada para esse fim, mas quer parecer-nos que maiores difficuldades ainda lhes resta vencer até que chegue a ser convertido em lei, em vista do meio e das opiniões contrarias que se vão manifestando.

Entretanto, repetimos, que se houvesse uma lei de incompatibilidades como a que está em projecto, não estaria o paiz sendo victima de tantos syndicatos como os que nos ultimos annos o tem enredado nas ladroeiras que se vão pondo a descoberto para edificação das gentes e trabalho da policia.

A' ultima hora chega-nos a noticia da prisão do sr. Mendonça Cortez, um dos pronunciados como implicado nas... irregularidades do Banco Luzitano.

Acaso principiará a desmoronar-se este castello de cartas?!

João Verdades.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Publicações da Companhia Nacional Editora:

As Terras do Céo, de Flammarion, illustrada com gravuras, photographias celestes, mappas, etc. Fasciculo 32. Preço 80 réis.

A Terra Illustrada, por O. Reclus. Fasciculo 92. Preço, 100 rs.

Historia da Revolução de Setembro, por José d'Arriaga. Fasciculo 4. Preço 60 réis.

A mulher do capitão Branican, de Julio Verne, edição illustrada. Caderneta 490. Preço 50 réis.

A Madrasta, por Xavier de Montèpin. Vol. 6 Preço 600 réis.

Os Dramas da Espada, por Xavier de Montèpin, Fasc. 1, fls. 1 a 3. Preço 60 réis.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43